

# A PNA E A UNIDADE DIALÉTICA AFETO-COGNIÇÃO NOS ATOS DE LER E ESCREVER

---

## PNA AND THE DIALECT UNIT AFFECTION-COGNITION IN READING AND WRITING

**Maria de Fátima Cardoso Gomes**

*Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Histórico-Cultural em Sala de Aula (Gepsa) da FaE/UFMG  
mafacg@gmail.com*

O caderno da recente Política Nacional de Alfabetização/2019, do Ministério de Educação e Cultura do Brasil define “alfabetização como o ensino de habilidades de leitura e escrita em um sistema alfabético” (PNA, 2019, p. 18). Este ensino tem como base científica as chamadas ciências cognitivas da leitura que congrega diferentes ciências que “estudam a mente e sua relação com o cérebro como a psicologia cognitiva e a neurociência cognitiva” (PNA, 2019, p.20). Esta proposta de alfabetização trata a psicologia cognitiva como uma disciplina homogênea que dicotomiza emoção e cognição, biológico e cultural, pessoa e meio. Aposto no ensino da leitura com base em um único método – o Fônico – demonstrando uma visão atomista do processo de ensinar a ler, dicotomiza o ensino da leitura e da escrita e trata literacia apenas dentro da família. Não é desse ponto de vista que pensamos e atuamos nos processos de letramento.

Consideramos que há diferentes olhares para o processo cognitivo do ser humano, incluindo os olhares para as práticas de letramento que envolvem a leitura e escrita nos contextos escolares.

Do ponto de vista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Histórico-cultural na Sala de Aula (GEPISA)/FaE/UFMG, tratamos a cognição humana como uma prática social, uma atividade humana. Visão que vai muito além de se pensar a cognição como algo que acontece apenas dentro do cérebro das pessoas, de forma individual, linear e progressiva. Quando se leva em conta a cognição como social e situada nos diferentes contextos, não se pode tratar o letramento apenas do ponto de vista cognitivo, ou de um método, mas há que se tratar esse ensino considerando a unidade dialética afeto-cognição (Vigotski, 1934/1993). Isto implica não separar o que se sente, do que se pensa e faz quando se ensina a ler e a escrever. Implica saber quem

são as pessoas que ensinam e quem são as pessoas que aprendem, há que se considerar suas vivências (Vigotski, 2018), ou seja, as unidades pessoa-meio; afeto-cognição; biológico-cultural na constituição dos processos de ler e escrever como atividades humanas.

Neste sentido, as práticas de leitura como atividades humanas significa que são práticas que se tornam necessárias e relevantes para a vida dos estudantes e professores; para que o ato de ler seja incorporado à vida dessas pessoas e se torne um instrumento cultural que faça parte de suas estruturas psíquicas (Vigotski, 1934/1993). Enfim, ensinar e aprender a ler como uma *Atividade Humana* e não apenas como aquisição de habilidades individuais implica perguntar quem ensina e quem aprende? Que vivências entre pessoas e o contexto social podem ser produzidas para que todos possam participar e usufruir das oportunidades de ensino e aprendizagem. Ensinar e aprender a ler como uma *Atividade Humana* envolve intencionalidade, ou seja, quem define o quê? Para quê? Com quem? Por quê? Com quais objetivos? Com quais resultados? É por meio das atividades coletivas de leitura que as apropriações individuais do ato de ler podem acontecer.

Ensinar a ler e aprender como uma *Atividade Humana* implica também assumir junto com Gomes, Dias e Vargas (2017) que concordam com Vigotski que há que se substituir o método de estudo de elementos pelo método de estudo da UNIDADE, entendendo por unidade, “o resultado da análise, que diferentemente dos elementos, carrega todas as propriedades fundamentais características do conjunto e constitui uma parte viva e indivisível da totalidade” (VIGOTSKI, 1934/1993, p.19).

Assim,

conduzir as investigações por meio do método da unidade implica olhar para o nosso objeto de estudo como uma totalidade que apresenta contradições, pois é dialética e historicamente construída. Isto é, estamos lidando com pessoas de carne e osso que ao construírem as identidades de professoras, alunos e pesquisadoras constroem-se como pessoas de linguagem e de cultura na e pela relação dialética entre afeto e cognição social situada (GOMES, DIAS & VARGAS, 2017, p. 114)

Dentro dessa perspectiva, reafirmamos que cognição social situada são os processos sociais em contextos de fala e interações reais entre pessoas que procuram conhecer a si mesmos e ao mundo em que vivem. É por meio das vivências que os letramentos são apropriados pelos alunos e professores dentro e fora das escolas. Cognição, portanto, não é um processo mental, individual, que acontece por meio da razão apenas, mas das vivências aqui, entendidas como uma atividade conjunta, que acontece na *cooperação*, na *co-existência*, em *con-vivência* (JEREBSOV, 2014) , que pode ou não

afetar crianças e adultos para entrarem no processo de letramento/leitura e escrita, com vontade, com paixão para desenvolver a razão/cognição do ler e escrever emocionando-se. Isto porque partimos do pressuposto de que as unidades dialéticas emoção-razão, afeto-cognição fundam o ser humano pela mediação da unidade dialética – fala-pensamento. Por isto, “há que estudar a unidade dos processos afetivos e intelectuais, pois, qualquer ideia carrega transformada, a atitude afetiva do indivíduo até a realidade representada nessa ideia” (VIGOTSKI, 1934/1993, p.25).

## **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. PNA: Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização, Brasília: MEC, SEALF, 2019.

GOMES, M. F. C.; DIAS, M. T. M.; VARGAS, P. G. entre textos e pretextos: a produção escrita de crianças e adultos na perspectiva histórico-cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

JEREBSOV, S. G. Gomel – L. S. Vygotsky’s city. Contemporary scientific research on instruction within the culturalhistorical theory of L.S. Vygotsky. In Veresk -Cadernos Acadêmicos Internacionais: Estudos sobre a perspectiva históricocultural de Vigotski, vol. 1 (pp. 9–30). Brasília: UniCEUB, 2014.

VIGOTSKI, L. S. El problema y el método de investigación. In: Obras Escogidas, Tomo II, Madrid: Visor Aprendizaje, 1993 (oroginal em 1934), p. 15-89.